

A CONSTRUÇÃO DOS *ETHÉ* DE POTÊNCIA E DE CHEFE NOS DISCURSOS DO PRESIDENTE JAIR BOLSONARO SOBRE A PANDEMIA DA COVID-19 NO BRASIL

Maria Enedina Verçosa Neta (mariaenedina733@gmail.com)

Resumo: A presente pesquisa visa analisar como se constroem os *ethé* de potência e de chefe nos pronunciamentos do presidente Jair Bolsonaro sobre a covid-19 no Brasil. Para isso, a metodologia utilizada consiste em pronunciamentos oficiais do presidente, proferidos em emissoras de televisão e em programas de rádio, entre março de 2020 e março de 2021, bem como pronunciamentos realizados ao vivo no formato *live*, transmitidos em redes sociais e realizados entre junho de 2020 e março de 2021. A escolha de duas modalidades de pronunciamentos, o oficial e o “ao vivo”, em detrimento de apenas uma, tem como finalidade evidenciar de que forma são construídas as imagens de potência e de chefe em ambos os proferimentos. Ancoramos nossa pesquisa nos pressupostos teóricos de Charaudeau (2018), sobre discurso político e *ethos*, e Amossy (2016; 2020) sobre discurso, *ethos* e argumentação. Constatamos, a partir da análise, que, em discursos oficiais, o *ethos* de potência se evidencia somente através da exaltação do corpo como prova da força do político. Em contrapartida, nos discursos espontâneos, a imagem de potência também é projetada por meio da vociferação, expressa mediante insultos e bravatas a opositores políticos e à imprensa. No que diz respeito ao *ethos* de chefe, este é projetado nas duas modalidades, geralmente sob a figura de guia ou atrelado ao *ethos* de competência.

Palavras-chave: Discurso; *Ethos*; Potência; Chefe; Bolsonaro.

Introdução

Este artigo se insere na área da Análise do Discurso, doravante AD. Utilizamos, para a análise do *corpus*, os estudos de Charaudeau (2018) e Amossy (2016; 2020), que concebem o *ethos* como as imagens de si que o orador constrói através de seu discurso, com a finalidade de persuadir seu auditório. Nos debruçamos na análise das imagens de potência e de chefe

mobilizadas nos discursos do presidente Jair Bolsonaro, bem como nos procedimentos expressivos e enunciativos, que, grosso modo, contribuem para a projeção dos *ethé* já mencionados.

É pertinente, para conhecimento geral, mencionar alguns trabalhos sobre *ethos* que foram desenvolvidos por estudiosos da área da AD, principalmente no que diz respeito a estudos que se debruçam a investigar acerca dos *ethé* de credibilidade e de identificação projetados nos discursos do presidente Jair Bolsonaro.

Nessa perspectiva, tem-se o trabalho de Vieira Filho e Procópio (2020), que investigam quais imagens são projetadas no discurso de posse presidencial de Jair Bolsonaro em 2019, a partir de uma perspectiva semiolinguística proposta por Charaudeau (2011; 2013). Dessa forma, os autores constataram que Bolsonaro projeta em seu discurso os *ethé* de credibilidade, que correspondem às imagens de sério, de virtude e de competência, bem como os *ethé* de identificação, que dizem respeito às imagens de potência, de caráter, de chefe, de humanidade e de solidariedade.

O estudo de Moitinho et al (2020) também investigam o *ethos* discursivo de Jair Bolsonaro. Partindo, uma vez mais, dos pressupostos de Charaudeau (2004; 2008), Maingueneau (2004; 2006) e Orlandi (1999), as autoras analisam a projeção dos *ethé* de credibilidade e de identificação do presidente Jair Bolsonaro em seu discurso de abertura da 75^a Assembleia Geral da ONU. A pesquisa constatou que houve a predominância do *ethos* de virtude e de competência, bem como a presença do *pathos* com a finalidade de sensibilizar o auditório.

Já Cruz (2020), em sua dissertação de mestrado, propôs-se a analisar quais características e mecanismos na elaboração do *ethos* estão presentes no discurso de posse do presidente Jair Bolsonaro. Nessa perspectiva, a autora identificou que há, no discurso, elementos que apontam para uma homogeneização de determinados aspectos que levam à negação do diferente, favorecendo, dessa forma, uma polarização discursiva de um governante que se projeta como “salvador da pátria”, opondo-se a tudo que é contrário a essa imagem, e, portanto, considerado negativo pelo orador.

Soares e Santos (2020) analisam de que forma é mobilizado o *ethos* nos discursos de posse dos presidentes Luiz Inácio Lula da Silva (2003) e Jair Messias Bolsonaro (2019). Ancorados nos estudos de Charaudeau (2011) sobre o *ethos* no discurso político, além de Pêcheux (2010; 2011) e Orlandi (2005), sobre a intencionalidade do discurso, os autores constatam que os efeitos de sentido dos dois candidatos ora se assemelham, ora se divergem ao tratar de temáticas idênticas.

Através dessas pesquisas, percebe-se que é recorrente, no discurso de Bolsonaro, a projeção dos *ethé* de credibilidade, especificamente as imagens de sério e de competência; no que diz respeito aos *ethé* de identificação, há a predominância do *ethos* de chefe, este último projetado mediante a figura de “guia”. Todavia, é possível constatar que o *corpus* analisado propicia a projeção dos *ethé* de credibilidade, ou seja, discursos formais, como pronunciamentos de posse ou em Assembleias Internacionais, comportam, de maneira mais acentuada, imagens de sério, virtude e competência.

Partindo desses trabalhos, esta pesquisa contribui para os estudos sobre o *ethos* no discurso de Bolsonaro e lança luz ao estudo do *ethos* em pronunciamentos informais transmitidos em redes sociais, ainda pouco explorados atualmente.

2. Fundamentação teórica

Foi na Retórica Clássica, de Aristóteles, que apresentaram, em um contexto situacional da *polis*, as estratégias discursivas que eram utilizadas na oratória, cuja finalidade era persuadir o auditório e apresentar uma imagem de fidedignidade. Atualmente, o estudo do *ethos* tem sido desenvolvido em diversas áreas da linguística, como a AD, a Pragmática e a Argumentação.

O *ethos*, na Retórica aristotélica, é definido como a imagem de si que o orador constrói em seu discurso com a finalidade de persuadir o auditório (CHARAUDEAU, 2018). É a partir disso que Aristóteles expõe as três provas engendradas pelo discurso – o *ethos*, o *pathos* e o *logos*. O *logos*, que pertence à lógica, faz com que seja possível convencer, enquanto o *ethos* e o *pathos* pertencem ao domínio da emoção e tornam possível emocionar (CHARAUDEAU, 2018). É nessa perspectiva que o *pathos* é apontado para o auditório, com o fim único de persuadi-lo, enquanto o *ethos* é apontado para o orador, que quer aparentar ser fidedigno ao auditório. De acordo com Amossy, as três provas apresentam igual importância para conseguir a adesão do auditório, uma vez que é necessário tanto comover quanto convencer (AMOSSY, 2016).

Contemporaneamente, os estudos sobre o *ethos* ganharam novas perspectivas e projeções, principalmente na AD, na Pragmática e na Argumentação. No campo da enunciação, Émile Benveniste (1995 *apud* AMOSSY, 2016) concebe a noção de “quadro figurativo”, no qual emissor e receptor estabelecem uma relação discursiva de influência mútua: o emissor

constrói uma imagem de si e do receptor, enquanto que este último constrói uma imagem de si e do emissor. Já Oswald Ducrot (1984 *apud* AMOSSY, 2016) procura estudar o *ethos* a partir de uma “teoria polifônica”. Ao conceber a enunciação como o surgimento de um enunciado, e não o ato de fala do sujeito, o *ethos* está ligado ao locutor (L) como sujeito da enunciação, que se transveste de certos caracteres que tornam sua enunciação aceitável ou não.

Ruth Amossy (2020) desenvolve um estudo sobre a retórica e as teorias da argumentação. No que concerne a esta pesquisa, nos atentamos para os pressupostos da autora referentes à relação entre orador e auditório. Partindo da perspectiva de que auditório é formado por um ou mais indivíduos que o orador quer influenciar através de sua argumentação (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1970, *apud* AMOSSY, 2020), este projeta imagens de seu auditório através de um imaginário social pautado em crenças, hipóteses e valores pré-concebidos. Perelman (1992 *apud* AMOSSY, 2020) caracteriza o auditório como uma “ficção verbal”, tendo em vista que é construído através das percepções do orador, não correspondendo à realidade concreta e imediata. Nessa perspectiva, as imagens que o orador constrói de seu público estão presentes dentro de seu discurso, materializando-se na troca verbal. O auditório, por sua vez, é levado a se reconhecer na figura do locutor, sendo um o reflexo do outro.

No campo da semiolinguística discursiva, Charaudeau (2018) retoma a noção aristotélica para traçar um panorama acerca das estratégias discursivas utilizadas em discursos políticos. Defendendo a ideia de que os atores políticos jogam com máscaras, o autor aborda a respeito dos artifícios utilizados por esses políticos, cuja finalidade é persuadir os indivíduos a aderirem às suas propostas. Nesse sentido, o teórico desenvolve um modelo no qual organiza o *ethos* no discurso político em duas categorias, a saber, os *ethé* de credibilidade e os *ethé* de identificação. Todavia, nesta pesquisa, nos limitamos a analisar somente as imagens de potência e de chefe, estas atreladas aos *ethé* de identificação, visto que essas imagens são bastante recorrentes no *corpus* analisado.

De acordo com Charaudeau (2018), o *ethos* político é construído através de traços pessoais de caráter, de corporalidade, de comportamentos, de discurso, sendo moldados através de imaginários sociais que ditam o que é positivo e o que é negativo. Diante disso, o *ethos* prevê um jogo entre o *si*, o *outro* e mais um *terceiro* ausente, que corresponde a uma imagem ideal, um valor de referência, construída por meio de imaginários sociais que ditam o que é positivo e negativo. Nessa perspectiva, o *si* procura transmitir ao auditório essa imagem ideal, enquanto que o *outro* se deixa ser influenciado a aderir ao indivíduo que transmite tal imagem.

Seguindo essa linha de pensamento, é possível constatar que, no discurso político, as figuras identitárias do sujeito são, ao mesmo tempo, voltadas para si, para o outro e para uma imagem ideal, tomada como referência.

É importante para o sujeito ser crível e suporte de identificação simultaneamente, uma vez que é necessário tanto que o auditório creia no poder que o político detém para executar ideias, ou seja, no seu poder de ação; quanto se identifiquem com a sua pessoa, que é quem irá aplicá-las. Nesse sentido, os *ethé* de credibilidade são constituídos da identidade discursiva do sujeito que fala para mostrar-se e ser julgado como digno de crédito. Essas imagens, de acordo com Charaudeau (2018, p. 119), “repousam sobre um *poder fazer*”; e, no que se refere à instância política, a figura do governante necessita mostrar que detém tal poder. O autor assevera que a credibilidade, no discurso político, atende a três condições: *sinceridade*, *performance* e *eficácia*. A primeira diz respeito ao falar verdadeiro, a dizer a verdade; a segunda, à obrigatoriedade do cumprimento das promessas feitas; e a terceira está relacionada aos meios que o político detém para cumprir suas promessas e aos resultados positivos que precisa alcançar. Para isso, o político deve construir os *ethé* de *sério*, de *virtuoso* e de *competente*.

O *ethos* de sério, de acordo com Charaudeau (2018), depende da representação que cada grupo social faz do que é a seriedade e de quem a detém, sendo construído por meio de índices corporais, comportamentais e verbais. Dessa forma, a seriedade é projetada quando o político mostra uma certa rigidez no corpo, uma face menos sorridente, um tom de voz firme e moderado; além disso, ele tende a utilizar palavras e frases simples e claras, demonstrar autocontrole diante das adversidades e críticas, vigor e capacidade de trabalho e onipresença em todas as linhas de frente da vida política e social.

O *ethos* de virtude diz respeito à sinceridade e fidelidade do político para com seus concidadãos. Dessa forma, a virtude é construída na medida em que o orador mostra honestidade em sua vida privada e pública, transparência em suas ações e coerência em relação aos princípios políticos os quais defende, seguindo a mesma linha de pensamento e de ideias. A lealdade também faz parte desse *ethos*, uma vez que o político, como sujeito honesto, precisa mostrar-se leal aos seus oponentes, sem deferir golpes baixos e reconhecendo seus erros e derrotas.

O *ethos* de competência refere-se tanto ao saber quanto à habilidade. Nessa perspectiva, aquele que fala deve demonstrar que conhece o campo político no qual atua, que possui os meios, o poder e a experiência para cumprir suas obrigações e que, mediante esses fatores, terá resultados positivos. Essa imagem evidencia-se na experiência do político adquirida em sua trajetória, estudos, funções exercidas no poder público. Desse modo, a competência é avaliada por meio da trajetória política, principalmente.

Já os *ethé* de identificação são extraídos do afeto social, uma vez que: “[...] o cidadão, mediante um processo de identificação irracional, funda sua identidade na do político” (CHARAUDEAU, 2005, p. 137). São recorrentes, na caracterização das imagens de identificação, no discurso político, os *ethé* de potência, de caráter, de inteligência, de humanidade, de solidariedade e o de chefe.

O *ethos* de potência configura-se através de uma imagem de força, de energia física e de virilidade sexual. Em decorrência disso, a potência é voltada para o masculino, dependendo do sistema de valores presente em determinado contexto cultural. No âmbito político, o papel do corpo é apresentado como “prova de verdade” (CHARAUDEAU, 2018). Nessa perspectiva, o *ethos* de potência é manifestado através da glorificação da força física, da vociferação em manifestações e comícios, de demonstrações de vigor corporal, de proezas físicas e do exercício de uma violência verbal destinada aos adversários. Em projeções mais amenas, essa imagem pode ser apresentada por meio da agilidade do político, que está presente que está presente na linha de frente das ações e decisões, quase de maneira militar ou esportiva.

No que diz respeito ao *ethos* de caráter, este diz respeito à força de espírito, à vituperação que emerge de uma indignação pessoal, de um julgamento, e que precisa ser expressado de maneira veemente, porém moderada. Por constituir-se como uma imagem que geralmente é evocada como resultado de uma reação a algo ou a alguém, a provocação e a polêmica fazem parte desse *ethos*, além da coragem (para enfrentar as adversidades, por exemplo) e do orgulho.

O *ethos* de inteligência constrói-se por meio de duas figuras complementares e antagônicas. A primeira diz respeito à bagagem cultural do político, sua origem social e sua formação acadêmica, que se revelam por meio de seu comportamento. Nessa perspectiva, títulos acadêmicos, livros escritos e a participação em programas culturais são indícios que caracterizam a imagem de inteligência. A segunda figura diz respeito à astúcia e à malícia

empregada no jogo político. Para mostrar-se inteligente, o político precisa “saber jogar com o ser e o parecer” (CHARAUDEAU, 2018, p. 146), suscitando intenções e estabelecendo metas que alcancem resultados positivos.

A imagem de humanidade é percebida na medida em que o político demonstra suas fraquezas e sentimentos, se sensibiliza com seus compatriotas, os compreende, e, por vezes, confessa suas dificuldades e defeitos (compaixão), e revela suas paixões, como seus *hobbies* e gostos pessoais (CHARAUDEAU, 2008).

Com relação ao *ethos* de chefe, de acordo com Charaudeau (2018), é constituída pelas figuras de *guia*, de *soberano* e de *comandante*. A figura do *guia* é construída por meio da consciência que determinado grupo detém em projetar um ser superior para guiá-los em meio às adversidades. Dessa forma, o político constrói para si as imagens de “pai”, de “inspirador do espírito”, de “salvador” e de “dominador”. Já a figura de *chefe-soberano*, nas palavras de Charaudeau (2018, p. 157) “[...] pode construir para si um *ethos* do que lhe permite assumir uma posição de fiador dos valores até o ponto de confundir-se com esses eles”. Nesse sentido, o político pauta seu discurso na defesa de valores como democracia, soberania do povo e identidade nacional. Essa figura também se expressa para mostrar que o orador domina a cena política e que não se deixa levar por conflitos politiquieiros. Por fim, a figura do comandante é uma estratégia pela qual o político busca demonstrar uma imagem de autoridade, de “chefe de guerra”, bem como de um líder populista, que age no intuito de acabar com “as forças do mal”, de salvar o povo.

O *ethos* de solidariedade é manifestado quando o sujeito político demonstra que é consciente dos sofrimentos alheios; que defende as necessidades dos mais pobres; que exprime sua vontade de estar junto de seus concidadãos; que não se coloca numa posição diferente da dos outros (mesmo que sua função política tenha maior poder de decisão); que deixa entrever que existe uma relação política de reciprocidade entre seus atos e declarações. Além disso, a solidariedade é construída na medida em que o orador mostra-se consciente das reponsabilidades que cabem a ele próprio e a seu governo, que ouve o povo, que está atento e respeita seus problemas, o seu sofrimento, as suas necessidades (CHARAUDEAU, 2018).

2.1 Os procedimentos expressivos e enunciativos

Na encenação e na construção do *ethos*, os procedimentos discursivos constituem-se meios pelos quais são construídos os *ethé* de credibilidade e os *ethé* de identificação no discurso

político. Tais procedimentos são eficazes porque levam em consideração as circunstâncias da enunciação (contexto comunicativo, personalidade do orador e aspectos culturais e de época) e são divididos em expressivos e enunciativos.

Acerca dos procedimentos expressivos, estes caracterizam-se pela “enunciação da palavra em sua forma oral” (CHARAUDEAU, 2018, p. 168). Cada político possui uma maneira de falar particular, isto é, uma maneira de falar que lhe é própria. Desse modo, Charaudeau (2018) distingue essa vocalidade em “bem falar”, “falar forte”, “falar tranquilo” e “falar regional”.

O “bem falar” advém da construção que determinado grupo faz de um falar elegante, culto, de personalidade. Para tal, é preciso que o orador possua, além de diversos procedimentos semiológicos, algumas características de vocalidade, como um tom de voz adequado, que não seja muito forte ou muito fraco; uma dicção lenta, que transmita a ideia de autocontrole e preocupação em ser compreendido; um ritmo cadenciado ao pronunciar as frases, efetuando pausas fortes e fracas e acentuando as sílabas corretamente; também uma articulação correta das sílabas, que não seja muito mecânica ou muito lenta. Em suma, uma pronúncia elocutiva que denota que o político tem controle de si e que mostra estar preocupado em ser compreendido corretamente (CHARAUDEAU, 2018).

Quanto ao “falar forte”, por contribuir com a construção de uma imagem de potência, apoia-se em características físicas e discursivas. Nessa perspectiva, o orador deve possuir um porte físico atlético, que demonstre força, além de gestos corporais que denotam vigor e um desempenho oratório enérgico. Ao proferir seu discurso o político também deve apresentar uma “voz de trovão”, cujo timbre ressoe em todo o auditório e também uma pronúncia bem articulada. Dependente de fatores culturais, o “falar forte” constrói o *ethos* de político dominante e atuante (CHARAUDEAU, 2018).

A respeito do “falar tranquilo”, este caracteriza-se por uma dicção lenta, que não se mostra nem tenra e nem exageradamente potente, semelhante a uma conversa entre amigos ou familiares. Dessa forma, a articulação deve ser compreensível, com uma pronúncia de frases controlada, com pausas bem marcadas e que demonstre naturalidade, transmitindo a ideia de um indivíduo que sabe controlar suas pulsações primárias e que detém o poder de resolver os problemas do mundo. Além disso, o “falar tranquilo” do político também pode evocar diversas

imagens, como de inteligência, de caráter, de chefe e de soberano paternal (CHARAUDEAU, 2018).

Por último, o “falar regional” é definido como um procedimento expressivo, porque é totalmente voluntário. Por estar ligado ao sotaque de determinada região, pode estabelecer uma relação de proximidade com determinado grupo que compartilha as mesmas características de fala. De acordo com Charaudeau (2018), o “falar regional” cria um *ethos* ambíguo, em que ora pode evocar uma imagem de autenticidade e humanidade, trazendo à memória um falar que evidencia determinada entidade esquecida ou estigmatizada, ora pode construir uma imagem de malícia ou um estereótipo de “caipira” (CHARAUDEAU, 2018).

Os procedimentos enunciativos, de modo geral, inserem o locutor em uma determinada cena, bem como colocam o interlocutor no mesmo ato de linguagem e podem apresentar o que é dito como se ninguém estivesse implicado. Respectivamente, essas funções caracterizam a enunciação “elocutiva”, “alocutiva” e “delocutiva”.

A enunciação elocutiva é expressa com o uso de pronomes pessoais em primeira pessoa junto a verbos modais, advérbios e qualificativos que evidenciam a implicação do orador e descrevem seu ponto de vista pessoal, como nas afirmações “Eu afirmo” ou “Eu estou convencido de que o futuro é glorioso”¹. Conforme Charaudeau (2018), algumas dessas modalidades também auxiliam na construção de alguns *ethé*. A modalidade do compromisso, que ajuda a construir a figura de guia supremo: “Se eleito, irei me empenhar no combate à corrupção no país”. O emprego do pronome “nós” na enunciação também contribui para a projeção do *ethos* de solidariedade: “Devemos corrigir as desigualdades e sermos empáticos uns com os outros”. Também a modalidade da rejeição evoca os *ethé* de sério e chefe: “Eu contesto suas palavras”.

A enunciação “alocutiva”, por sua vez, é expressa por meio de pronomes pessoais de segunda pessoa, também acompanhados de verbos modais, de qualificativos e de denominações que inserem o interlocutor, o lugar que o locutor lhe designa e a relação que se estabelece entre eles (CHARAUDEAU, 2018). Dessa forma, construções como: “O senhor deve saber que...” exemplificam a enunciação alocutiva. A implicação do interlocutor na enunciação acaba por criar determinada imagem do locutor, e, também, certas figuras de *ethos*

¹ Os exemplos utilizados na caracterização dos procedimentos enunciativos foram adaptados de exemplos contidos na obra *Discurso Político*, de Patrick Charaudeau (2018).

através das modalidades alocutivas. Nessa perspectiva, as modalidades de tratamento ou interpelação, por exemplo, acabam por projetar a figura de chefe soberano, ao utilizarem tratamentos obrigatórios que, ao mesmo tempo em que identificam o público, legitimam o orador: “Povo brasileiro...”, “Cidadãos e cidadãs...”. As modalidades de interpelação geralmente são direcionadas, nos discursos, para o adversário, construídas por termos de tratamento e qualificativos depreciativos: “Seja mais educado em suas respostas, senhor...”. Além disso, também há a modalidade de solicitação, em que o locutor insere a interpelação do interlocutor na enunciação: “Brasileiros e Brasileiras, o que está sendo feito com a nossa democracia?”. Charaudeau (2018) ainda argumenta que as enunciações elocutivas e alocutivas, ao utilizarem os termos de tratamento, como o “Eu”, “Vocês”, “Nós” e “Brasileiros e Brasileiras”, acabam solicitando confiança, projetando, com isso, uma figura de guia.

Acerca da enunciação “delocutiva”, esta apresenta o que é dito e, ao mesmo tempo, isenta os interlocutores, apresentando a visão de uma terceira voz, isto é, “[...] não depende nem do *eu*, nem do *tu*, pois ela tem um valor em si”. A enunciação delocutiva transmite ao interlocutor o sentido de evidência, e, através disso, projeta no orador uma imagem de soberano, já que ele se põe em uma posição superior por deter uma verdade estabelecida. Diante disso, a enunciação delocutiva é expressa por frases cujos interlocutores se mostram ausentes, apresentando uma forma impessoal: “Estou certo de que o futuro do Brasil está nas mãos dos brasileiros”.

No concerne a esta pesquisa, enfatizamos, na análise, a construção dos *ethé* de potência e de chefe. Como meios verbais pelos quais essas imagens são veiculadas, encontram-se os procedimentos expressivos e enunciativos, também utilizados nas análises.

3. Metodologia

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, ou seja, se preocupa em investigar, através da coleta de informações, os sentidos e significados presentes nos discursos e nas ações de determinado indivíduo ou de um grupo de indivíduos. Nesse âmbito, procuramos evidenciar nos pronunciamentos do presidente Jair Bolsonaro, como se constroem as imagens de potência e chefe. Para isso, o material utilizado para a análise consiste em quatro pronunciamentos oficiais e quatro pronunciamentos informais transmitidos ao vivo, todos proferidos pelo presidente Jair Messias Bolsonaro (2019-2022).

Por conseguinte, os pronunciamentos oficiais foram transmitidos em estações de rádio e em emissoras de televisão aberta e correspondem ao período de março de 2020 a março de 2021, coletados na plataforma de vídeos *YouTube*, no canal oficial do Palácio do Planalto². Os pronunciamentos no formato “ao vivo” foram transmitidos nas redes sociais do Presidente Jair Bolsonaro e coletados dos canais “Os Pingo nos is”³, e do canal do presidente Jair Bolsonaro⁴, disponíveis na plataforma de vídeos *YouTube*, e correspondem ao período de junho de 2020 a março de 2021. A escolha de dois formatos de discurso na seleção do *corpus* foi motivada pelo fato de investigarmos de que forma são projetadas as imagens de potência e de chefe em modalidades diferentes de pronunciamentos.

O *corpus* foi constituído em função da temática geral “Pandemia no Brasil”, em que o presidente expressa a sua opinião sobre a COVID-19, a vacinação, o isolamento social, o uso de máscaras, a hidroxicloroquina e o auxílio emergencial. A partir da coleta dos pronunciamentos, realizamos as transcrições do conteúdo integral dos discursos para a análise dos dados, considerando os pressupostos de Charaudeau (2018) sobre discurso político e *ethos*, e em Amossy (2016; 2020) sobre *ethos*.

Quadro 01: Informações dos pronunciamentos formais e informais analisados: mídia coletada e contextualização

VÍDEO 1: Discurso em caráter formal, de 24 de março de 2020	
Mídia coletada	Canal: Planalto. Link do vídeo: (Pronunciamento do presidente da República, Jair Bolsonaro (24/03/2020) - YouTube). Duração: 4 min. 58 seg.
Contextualização	Pronunciamento referente à Pandemia de COVID-19 no Brasil, transmitido em emissoras de televisão aberta e estações de rádio.
VÍDEO 2: Discurso em caráter formal, de 8 de abril de 2020	

² Cf. (www.youtube.com/user/PalaciadoPlanalto/featured).

³ Cf. (www.youtube.com/c/ospingosnosis/featured).

⁴ Cf. (www.youtube.com/c/jbolsonaro/featured).

Mídia coletada	Canal: Planalto. Link do vídeo: (Pronunciamento do presidente da República, Jair Bolsonaro (08/04/2020) - YouTube). Duração: 5 min. e 10 seg.
Contextualização	Pronunciamento referente à Pandemia de COVID-19 no Brasil, transmitido em emissoras de televisão aberta e estações de rádio.
VÍDEO 3: Discurso em caráter formal, de 23 de março de 2021	
Mídia coletada	Canal: Planalto. Link do vídeo: (Pronunciamento do Presidente da República Jair Bolsonaro - YouTube). Duração: 3 min. e 20 seg.
Contextualização	Pronunciamento oficial referente à Pandemia de COVID-19 no Brasil, transmitido em emissoras de televisão aberta e estações de rádio.
VÍDEO 4: Discurso em caráter informal, de 25 de junho de 2020	
Mídia coletada	Canal: Jair Bolsonaro Link do vídeo: (Live da Semana com Presidente Jair Bolsonaro - 25/06/2020 - YouTube) Duração: 56 min. 29 seg.
Contextualização	Live transmitida em redes sociais que possui como pauta a discussão de assuntos relacionados a Pandemia de COVID-19 no Brasil
VÍDEO 5: Discurso em caráter informal, de 7 de janeiro de 2021	
Mídia coletada	Canal: Jair Bolsonaro Link do vídeo: (Primeira Live de 2021 (07/01) - Presidente Jair Bolsonaro - YouTube) Duração: 1 h. 10 min. 4 seg.
Contextualização	Live transmitida em redes sociais que possui como pauta a discussão de assuntos relacionados a Pandemia de COVID-19 no Brasil
VÍDEO 6: Discurso em caráter informal, de 11 de março de 2021	
Mídia coletada	Canal: Os Pingos nos is Link do vídeo: (Íntegra da live de Jair Bolsonaro de 11/03/20 - YouTube) Duração: 1 h. 10 min. 2 seg.

Contextualização	Live transmitida em redes sociais que possui como pauta a discussão de assuntos relacionados a Pandemia de COVID-19 no Brasil
------------------	---

Fonte: organização nossa.

A análise do *corpus* está dividida em três partes: a primeira diz respeito a análise dos *ethé* de potência e chefe em discursos formais; a segunda parte se refere à análise das *lives*; e, por último, há a comparação dos *ethé* nas duas modalidades de pronunciamento.

4. Análise dos *ethé* de potência e chefe nos pronunciamentos proferidos pelo presidente Jair Bolsonaro

Como mencionado anteriormente, nos limitamos a analisar os *ethé* de potência e chefe postulados por Charaudeau (2018), uma vez que, dado o recorte da pesquisa, são imagens demasiadas recorrentes que o orador constrói em seus pronunciamentos. Do mesmo modo, também utilizamos na análise os estudos de Charaudeau (2018) sobre os procedimentos expressivos: o “bem falar”, o “falar forte”, o “falar tranquilo” e o “falar regional”; bem como alguns procedimentos enunciativos, que correspondem à enunciação “elocutiva”, a “alocutiva” e a “delocutiva”.

A análise está dividida em três partes: primeiro analisamos os discursos de caráter oficial, que correspondem aos proferimentos transmitidos no rádio e na televisão. Em seguida, fizemos a análise dos discursos espontâneos em formato de *live*, que correspondem a vídeos de caráter informal, em que o orador não está apenas reproduzindo um discurso previamente pronto. Essa categoria de vídeo é reproduzida em tempo real e transmitida em redes sociais ou em canais da plataforma de vídeos *YouTube*. Por fim, tecemos uma análise comparativa a respeito das imagens de potência e chefe projetadas nas duas modalidades de discursos.

4.1 Em pronunciamentos oficiais

Atinente à análise das expressões faciais, da vocalidade e dos traços de corporalidade apresentados por Bolsonaro nos vídeos oficiais analisados, nota-se que o orador demonstra seriedade em seus pronunciamentos, através de uma face grave, que não sorri e que expressa neutralidade ao longo do proferimento do seu discurso.

A vocalidade do orador se enquadra no que Charaudeau (2018) denomina de “falar tranquilo”, uma vez que sua vocalidade se caracteriza por um tom de voz moderado, que não é nem exageradamente forte e nem muito fraco; uma dicção satisfatória, com um ritmo cadenciado, uma pronúncia clara das palavras, além de se valer da utilização de pausas curtas no término das frases, objetivando o melhor entendimento do seu discurso. Nos vídeos analisados, em nenhum momento foram constatadas alterações no tom de voz do orador, que se manteve calmo no decorrer do proferimento de seus discursos.

Apesar das imagens dos vídeos revelarem somente a parte superior do corpo do orador (cabeça e tronco), constatamos que seu físico também demonstra seriedade, com um porte ereto e sem traços de informalidade, além de se manter contido ao longo do proferimento do discurso. O orador também não gesticula muito, os poucos movimentos que faz, bastante sutis, são com a cabeça, o que acaba por remeter à uma ideia de indivíduo mecanizado. O vestuário utilizado pelo orador, terno e gravata, também estão adequados ao ambiente formal e ao contexto no qual ele está inserido. Nessa perspectiva, os procedimentos enunciativos e os índices corporais e gestuais acabam por comportar uma formalidade e, por isso, contribuem para a projeção do *ethos* de sério no discurso do Presidente Jair Bolsonaro.

No âmbito da enunciação, observamos a projeção, por parte de Bolsonaro, do *ethos* de potência, ao exaltar sua condição física perante a possibilidade de ser contaminado pelo vírus da COVID-19:

[vídeo 1 - 3 min. 16 seg.] No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão (BRASIL, 2020).

Como já dito, os *ethé* de identificação também estão ligados a traços pessoais de corporalidade. Levando isso em consideração, a exaltação do corpo é uma das características pertinentes ao *ethos* de potência, em que o político, ao projetar tal *ethos*, tenta exprimir uma imagem de força, “contra a qual não se pode grande coisa” (CHARAUDEAU, 2018, p. 138). Nessa perspectiva, o corpo é aqui apresentado como uma prova de verdade, ou seja, como uma demonstração de poder.

No âmbito dos procedimentos enunciativos, evidencia-se, na passagem acima, a enunciação elocutiva, a partir da utilização, entre outros casos, do pronome possessivo “meu”, dos adjetivos “contaminado” e “acometido” e dos verbos “sentiria” e “seria”. Tais expressões

introduzem o ponto de vista do orador e contribuem para a glorificação do corpo e, dessa forma, para a projeção do *ethos* de potência no discurso. A utilização do pronome demonstrativo “aquele” e da contração “daquela” no final da enunciação, introduzem o interlocutor no discurso, mas com o propósito de distanciamento entre orador e interlocutor.

Em relação ao *ethos* de chefe, podemos evidenciá-lo na passagem a seguir, em que o orador argumenta acerca da sua responsabilidade enquanto indivíduo que governa o país: “[vídeo 2 - 0 min. 41 seg.] Tenho a responsabilidade de decidir sobre as questões do país de forma ampla, usando a equipe de ministros que escolhi para conduzir os destinos da nação. Todos devem estar sintonizados comigo” (BRASIL, 2020).

Nessa perspectiva, o orador constrói a figura de guia supremo, a imagem de um ser superior, de salvador, que guiará a sociedade, em meio aos percalços da vida, a um futuro glorioso, o que o torna um agregador, um visionário, remetendo até mesmo a figura de um *totem*, símbolo de uma coletividade. Os verbos “tenho”, “decidir” e “escolhi”, contribuem para a introdução do ponto de vista do enunciador, ou seja, denotam a elocução na enunciação, e contribuem para a projeção da modalidade de compromisso, auxiliando na construção da figura de guia supremo. Todavia, a última oração “Todos devem estar sintonizados comigo” acaba por introduzir o interlocutor no discurso, construindo, dessa forma, a alocução. De acordo com Charaudeau (2018), tanto à alocução quanto à elocução denotam, por parte do orador, um apelo à confiança, remetendo, uma vez mais, a figura de guia.

Outra evidência na construção do *ethos* de chefe está na seguinte passagem, em que o orador afirma ter ele mesmo mediado a compra de vacinas junto às fabricantes internacionais:

[vídeo 3 - 2 min. 17 seg.] Neste mês, intercedi pessoalmente junto à fabricante Pfizer para a antecipação de 100 milhões de doses, que serão entregues até setembro de 2021. E também com a Janssen, garantindo 38 milhões de doses para este ano. Quero tranquilizar o povo brasileiro e afirmar que as vacinas estão garantidas (BRASIL, 2021).

A menção ao fato de ter intercedido “pessoalmente” na compra de vacinas denota a ideia de autoridade que está à frente nas transações do governo, construindo tanto a imagem de salvador, de alguém que detém o poder de livrar as pessoas da morte, quanto de competência. A elocução expressa mediante o verbo “intercedi” e as locuções verbais “quero tranquilizar” e “estão garantidas”, constroem uma vez mais a modalidade do compromisso, que coincide com a figura de guia do *ethos* de chefe.

4.2 Em pronunciamentos espontâneos, no formato “live”

Acerca das expressões faciais e corporais e da vocalidade do orador nos vídeos analisados, nota-se que Jair Bolsonaro acaba por transmitir ora uma imagem de seriedade, ao relatar alguma informação técnica sobre a pandemia, por exemplo; ora uma imagem de político indecoroso, que faz brincadeiras e que se exalta. Contrariamente aos pronunciamentos oficiais, nas *lives*, o político demonstra mais naturalidade, através de expressões faciais mais fluídas, como uma face sorridente ou mesmo que expressa indignação. Apesar de se manter sempre sentado em uma bancada e em nenhum momento se levantar, nota-se, ao analisar os vídeos, que o orador possui mais ampla gestualidade em seu corpo, usando muito as mãos ou mesmo projetando o tronco para frente ou para os lados à medida que se refere ou fala com alguém. A sua vestimenta também se diferencia dos pronunciamentos formais, visto que nas *lives* o orador utiliza roupas mais informais, como camisa e casaco.

Sua vocalidade também se diferencia dos discursos oficiais, cuja fala se enquadra ora no “falar tranquilo”, ora no “falar forte”. Em relação a isso, constatamos que o orador, na maior parte dos seus discursos, mantém um tom de voz moderado, ou seja, nem muito forte ou muito fraco. Contudo, em alguns momentos, há a projeção de um tom de voz mais forte, principalmente quando o orador discute temáticas relativas à imprensa ou críticas a seu governo. Sua dicção também se diferencia dos discursos formais, uma vez que o orador, em alguns momentos, não articula bem as palavras e com isso, sua pronúncia por vezes não é clara, o que compromete o entendimento de sua fala.

Nos atentando para a análise do *ethos* de potência nos discursos, há a evidência de tal imagem em todos os pronunciamentos coletados. No trecho abaixo, por exemplo, Bolsonaro aborda o assunto da contaminação do vírus da Covid-19:

[vídeo 4 - 19 min. 44 seg.] Eu não sei se eu já peguei, fiz dois testes lá atrás, deu negativo [expressão não compreendida] não senti nada, não sei, posso fazer o teste novamente pra saber se tenho anticorpos já... Eu acho que eu já peguei, certo? Vai de cada um, do perfil, da vida sanitária de cada um. Tem gente que não. Pode ser gente da minha idade que não tá bem fisicamente, se foi acometido do vírus vai ter problema, tá certo? [...] (BRASIL, 2020).

Nesse trecho, o orador, apesar de dizer que seus testes de contaminação do vírus deram negativo, alude, uma vez mais, ao fato de que, se tivesse sido contaminado pelo vírus, o que presume que sim, não sentiu nenhum sintoma. Entendemos que esse fato decorre da sua condição física, uma vez que o orador fala que alguns indivíduos que possuem a sua idade, se

não tiverem um bom condicionamento físico, podem vir a desenvolver os sintomas do vírus. Nessa perspectiva, aqui, mais uma vez, é exaltado o papel do corpo como prova da força do político. No âmbito da enunciação, a elocução, expressa no trecho acima mediante emprego do “eu”, além de exercer sua função ao introduzir o ponto de vista do orador, auxilia na projeção do *ethos* de potência.

Em outro discurso, Bolsonaro retoma um pronunciamento oficial seu, transmitido em 24 de março de 2020 e analisado anteriormente, no qual utiliza as expressões “gripezinha” e “resfriadinho”, para se referir a possíveis sintomas decorrentes do vírus da Covid-19:

[vídeo 6 - 7 min. 6 seg.] [...] em especial aqueles que nos criticam sem qualquer base, né? Ah, o governo abandonou o tratamento do Covid, ah, ele é anti vacina, ele falou que era uma gripezinha. Estou esperando alguém mostrar um áudio meu ou um vídeo meu dizendo que era uma gripezinha, estou esperando [...] (BRASIL, 2021).

Há, no proferimento desse trecho, uma certa exaltação do orador, um tom de voz mais forte, um pouco mais alto, em consonância com o que Charaudeau (2018) denomina de figura de vociferador, exercendo uma certa violência verbal, valendo-se da utilização de bravatas em seu discurso em relação aos críticos do seu governo.

Nesse mesmo pronunciamento, em outro momento, Bolsonaro também altera o tom de voz, que se eleva, demonstrando uma certa exaltação ao abordar ainda acerca das críticas que recebeu, dessa vez por não ter contratado com mais antecedência a vacina da empresa farmacêutica Pfizer:

[vídeo 6 - 9 min. 45 seg.] Aí entra a questão da Pfizer um pouquinho antes, no ano passado ainda, alguns fala: deveria ter contratado a Pfizer em dois mil e vinte. Você leu, você que critica, leu o contrato? O caso ali, os advogados chamam de leoninas, pra mim é draconiana, como por exemplo, né, não nos responsabilizamos por qualquer efeito colateral. Aí eu usei uma figura, né, uma figura, costume usar, né, falei em jacaré, pronto, pessoal leva, os maldosos, como se fosse jacaré mesmo. O duro, no caso, era se transformassem em... eu não vou falar aqui para evitar polêmica. Se fosse o operário da Globo na Folha de São Paulo, tá? (BRASIL, 2021).

No que diz respeito ao *ethos* de chefe, podemos evidenciá-lo na seguinte fala, proferida em *live*, na qual o orador argumenta:

[vídeo 6 - 27 min. 39 seg.] Eu sou a pessoa, queiram, ou não, critiquem, ou não, me ofendam, ou não, que posso garantir a sua liberdade. Porque se aqui no meu lugar, da facada do Adélio fosse mortal, estaria no meu lugar Haddad ou Ciro Gomes, que são dois elementos de esquerda. O segundo manda no Ceará, o outro é o poste do Lula, e os governadores do PT, todos eles, fizeram *lockdown* ano passado. Todos, sem exceção. Do Ceará, que é outro partido,

mas é de esquerda, que é a mesma coisa. Se está o Haddad aqui ou o Ciro, o Brasil estaria fechado igualzinho a Argentina está. Qual o futuro do nosso país? (BRASIL, 2021).

Nessa fala, Bolsonaro afirma que é o único indivíduo que detém o poder de libertar a população. Nota-se que a liberdade é aqui posta tanto no sentido do ir e vir, tendo em vista que ele está criticando os políticos de esquerda, a saber, Ciro Gomes e Fernando Haddad, que são favoráveis a instauração do *lockdown* no país; quanto no sentido de libertar o Brasil da política de esquerda, sendo aqui posta como negativa. Dessa forma, esse poder que o orador se diz possuir de conceder e de guiar os indivíduos à liberdade, é o que projeta o *ethos* de chefe, mediante a figura de guia supremo, com o auxílio da elocução expressa mediante a construção “eu sou”. Além disso, o fato de Bolsonaro argumentar que se os políticos de esquerda citados tivessem ocupado o seu cargo, o país estaria em uma situação desfavorável, pressupõe que o seu governo está sendo favorável à população, e que ele é a pessoa capacitada que pode governar o país, auxilia, uma vez mais, na construção da imagem de chefe, atrelada ao *ethos* de competência.

4.3 Análise e comparação entre as duas modalidades de pronunciamentos

No que diz respeito ao *ethos* de potência, constatamos que nos discursos oficiais a imagem é projetada por meio da glorificação do corpo como demonstração de poder e força. Nessa perspectiva, o *ethos* de potência é evidenciado no discurso de Bolsonaro quando o orador menciona seu passado atlético, por meio de falas como “Pelo meu histórico de atleta” ou “Vai de cada um, do perfil, da vida sanitária de cada um”. Ao mesmo tempo em que o orador alude a sua condição física, há a banalização do vírus da Covid-19, estabelecida por meio da utilização das expressões “gripezinha” e “resfriadinho”.

Em relação aos discursos proferidos nas *lives*, a imagem de potência é projetada pelo orador ora por meio da retomada da sua vida pregressa, ou seja, pelo seu passado de atleta, ora por meio da vociferação ao proferir ataques à imprensa ou aos opositores do governo. Diante disso, podemos constatar que a figura do vociferador só se evidencia nos discursos das *lives*, o que é compreensível se levarmos em consideração o caráter informal que esse discurso comporta.

Nas duas modalidades de discurso, a imagem de chefe é construída através da figura de guia supremo, ou seja, um ser superior que é capaz de resgatar a população de uma realidade terrível e que detém o poder e o dever de guiar a nação a um caminho correto que levará a um futuro glorioso, encarnando num papel de agregador, de visionário. A título de exemplo, o orador utiliza em seus discursos frases como “Eu sou a pessoa que pode garantir a sua liberdade” ou “Todos devem estar sintonizados comigo”. Outras vezes, a imagem de chefe está atrelada ao *ethos* de competência, como em “Se está o Haddad aqui ou o Ciro, o Brasil estaria fechado igualzinho a Argentina está? Qual o futuro do nosso país?”

Nessa perspectiva, constatamos que as estratégias discursivas utilizadas pelo orador têm como finalidade deslegitimar ou banalizar o vírus da Covid-19, contribuindo, dessa forma, para a construção de um discurso negacionista e a projeção da figura de Bolsonaro como um ser poderoso, alguém de quem o país necessita seguir para alcançar um futuro glorioso.

Ademais, constatamos que a diferença de registro formal e informal permite evidenciarmos a distinção da vocalidade e gestos corporais do orador, todavia, a análise linguística constatou que as imagens de potência e de chefe são construídas em ambas as modalidades de pronunciamentos analisadas.

É importante também ressaltarmos que o orador projeta outros *ethé* nos pronunciamentos, como as imagens de sério e de competência (atreladas as imagens aqui investigadas), relacionados aos *ethé* de credibilidade, e a imagem de solidariedade, ligada aos *ethé* de identificação. Todavia, não foram encontradas imagens de virtude (credibilidade), tampouco as de caráter, inteligência e humanidade (identificação). Isso não quer dizer que Bolsonaro não as projeta em seus discursos, mas que essas imagens não estão presentes no *corpus* analisado.

5. Considerações finais

Esta pesquisa se preocupou em analisar como se constroem os *ethé* de potência e chefe em pronunciamentos formais e informais do presidente da república Jair Messias Bolsonaro (2018-2022), bem como os procedimentos expressivos e enunciativos presentes em tal discurso. Constatamos, a partir da análise, que o *ethos* de potência foi projetado por meio da glorificação do corpo como prova da força e do poder do político em ambas as modalidades de

discurso; todavia, a vociferação, uma das características pertinentes ao *ethos* de potência, só se evidencia nos proferimentos informais, o que decorre em razão do caráter de informalidade do discurso.

Já o *ethos* de chefe foi projetado através da figura de guia supremo, uma vez que o orador se põe como um ser superior que guiará a população a um destino esplendoroso e a salvação (inclusive da morte, se levarmos em consideração a temática do *corpus*). Ademais, notamos que os procedimentos expressivos e enunciativos auxiliam na construção das imagens analisadas, além de contribuir para a construção de outros *ethé*, como os de sério e competência (credibilidade).

Em razão desta pesquisa se delimitar a analisar os *ethé* de potência e chefe, é pertinente salientar que ela acaba por não contemplar uma análise mais copiosa das imagens de caráter, inteligência, humanidade e solidariedade (identificação), bem como o de virtude (credibilidade). Em virtude disso, uma análise mais expansiva em um *corpus* quantitativamente mais amplo permitirá um estudo mais aprofundado dessas imagens.

Trazendo uma vez mais as pesquisas sobre o *ethos* de Bolsonaro, constatamos que, embora o *corpus* analisado se diferencie entre os trabalhos, há semelhanças no que diz respeito à projeção, em todos os discursos, dos *ethé* de credibilidade, a saber, as imagens de sério, de virtude e de competência. No que tange aos *ethé* de identificação, a pesquisa de Moitinho, Lima e Salles (2020) sobre as imagens delineadas no discurso de abertura de 75^a Assembleia Geral da ONU, apresenta similaridades com os resultados dessa pesquisa, uma vez que foram constatados o *ethos* de chefe através da figura de guia supremo.

Por fim, ressaltamos aqui a visão de Charaudeau (2018) que argumenta que atualmente, a construção de imagens, como as de potência, inteligência, humanidade e chefe se mostra mais dominante e eficaz do que a projeção de um discurso mais racional, pautado predominantemente em um *logos*, tendo em vista que o discurso político é construído:

(...) mais pelo afeto que pela razão; mais pelos sentimentos irracionais provocados no cidadão que pela reflexão; mais pela oferta de imagens pessoais que se faz circular no mercado político que pela oferta de argumentos que poderiam ser discutidos (CHARAUDEAU, 2018, p. 180).

Diante desse cenário, os políticos se transvestem cada vez mais de imagens que julgam favoráveis a conseguir a adesão da instância cidadã, e, se levarmos em consideração principalmente os *ethé* de identificação, estes se mostram indispensáveis em matéria de discurso político, já que, atualmente, a força das imagens se mostra tamanha que os indivíduos, movidos através de paixão e fascinação, estão aderindo a pessoas, e não a ideias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMOSSY, Ruth. **Argumentação no discurso**. Tradução Eduardo L. Pires e Moisés Olímpio-Ferreira. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- AMOSSY, Ruth (org). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. Tradução Dilson F. da Cruz, Fabiana Komesu e Sírío Possenti. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. Tradução Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Tradução de Angela Maria da Silva Corrêa. 2. ed., 2a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. Tradução de Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.
- CRUZ, Jéssica Dametta. **Ideologia, história e relações discursivas: uma análise do discurso de Jair Bolsonaro**. 2020. 88 f. Dissertação (Letras). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2020.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da Enunciação**. Curitiba: Criar Edições, 2006. Organizado por Sírío Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva, diversos tradutores.
- MIRANDA MOITINHO, B.; DE BRITTO SALLES, S.; NOGUEIRA DE LIMA, C.; GOMES DE PAULA, D. **A pandemia no discurso político de Jair Bolsonaro**. Brazilian Journal of Policy and Development, v. 2, n. 4, p. 47-66, 29 dez. 2020.
- ORLANDI, E. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2003.
- PÊCHEUX, M. [1969]. Análise automática do discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Trad. Bethania S. Mariani [et. al.]. 4 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.
- PÊCHEUX, M. **Língua, linguagem, discurso**. In: PIOVEZANI, C; SARGENTINI, V. (orgs.). Legados de Michel Pêcheux inéditos em análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2011.
- SOARES, Thiago B; SANTOS, Maycon D. dos. **(Im) Prováveis presidentes do Brasil: uma análise das imagens de si nos pronunciamentos de posse dos presidentes Lula e Bolsonaro**. Humanidades & Inovação, v. 3, n. 24, 2020.
- VIEIRA FILHO, Maurício J; PROCÓPIO, Mariana. **O ethos de Jair Bolsonaro: uma análise discursiva dos discursos da posse presidencial**. Temática, ano XVI, n. 8, 2020.